

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XII

FEVEREIRO DE 1869

Nº 2

Estatística do Espiritismo³

APRECIÇÃO PELO JORNAL *SOLIDARITÉ*⁴

O jornal *Solidarité*, de 15 de janeiro de 1869, analisa a *estatística do Espiritismo*, que publicamos em nosso número anterior. Se critica algumas de suas cifras, sentimo-nos felizes por sua adesão ao conjunto do trabalho, que aprecia nestes termos:

“Lamentamos não poder reproduzir, por falta de espaço, as reflexões muito sábias com que o Sr. Allan Kardec faz acompanhar esta estatística. Limitar-nos-emos a constatar com ele que há espíritas em todos os graus da escala social; que a grande maioria dos espíritas se acha entre pessoas esclarecidas e não entre os ignorantes; que o Espiritismo se propagou em toda parte, de alto a baixo da escala social; que a aflição e a infelicidade são os grandes recrutadores do Espiritismo, por força das consolações e das esperanças que prodigaliza aos que choram e lamentam; que o Espiritismo encontra mais fácil acesso entre os incrédulos em matérias religiosas do que entre as pessoas que têm uma fé definida;

3 **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 533.

4 O jornal *Solidarité* aparece duas vezes por mês. Preço: 10 fr. por ano. Paris, Livraria das Ciências Sociais, rue des Saints-Pères, nº 13.

enfim, que depois dos fanáticos os mais refratários às idéias espíritas são as criaturas cujos pensamentos estão todos concentrados na posse e nos prazeres materiais, seja qual for, aliás, a sua condição.”

É um fato de capital importância constatar em toda parte que “a grande maioria dos espíritas se acha entre pessoas esclarecidas e não entre os ignorantes.” Em presença deste fato material, em que se torna a acusação de estupidez, ignorância, loucura, inépcia, lançada tão estouvadamente contra os espíritas pela malevolência?

Propagando-se de alto a baixo da escala, o Espiritismo prova, além disso, que as classes favorecidas compreendem a sua influência moralizadora sobre as massas, pois que se esforçam por nele penetrar. É que, com efeito, os exemplos que se têm sob os olhos, embora parciais e ainda isolados, demonstram de maneira peremptória que o espírito do proletariado seria muito outro se estivesse imbuído dos princípios da Doutrina Espírita.

A principal objeção do *Solidarité* é muito séria. Refere-se ao número de espíritas do mundo inteiro. Eis o que diz a respeito:

“A *Revista Espírita* engana-se muito quando estima em apenas seis ou sete milhões o número de espíritas para todo o mundo. Evidentemente se esquece de contar a Ásia.

“Se pelo termo espírita entendem-se as pessoas que crêem na vida de além-túmulo e nas relações dos vivos com a alma das pessoas mortas, é por centenas de milhões que se os deve contar. A crença nos Espíritos existe em todos os sectários do budismo, e pode-se dizer que ela constitui o fundo de todas as religiões do extremo Oriente. É geral sobretudo na China. As três antigas seitas que desde tanto tempo dividem as populações no Império Central, crêem nos manes, nos Espíritos e professam o seu culto. – Pode-se mesmo dizer que este é para elas um terreno

comum. Os adoradores do *Tao* e de *Fo* aí se encontram com os sectários do filósofo *Confúcio*.

“Os sacerdotes da seita de Lao-Tseu, e particularmente os Tao-Tseu, ou doutores *da Razão*, devem às práticas espíritas uma grande parte de sua influência sobre as populações. — Esses religiosos interrogam os Espíritos e obtêm respostas escritas, que não têm mais nem menos valor que as dos nossos médiuns. São conselhos e avisos considerados como dados aos vivos pelo Espírito de um morto. Aí se encontram revelações de segredos conhecidos unicamente pela pessoa que interroga, algumas vezes predições que se realizam ou não, mas que são capazes de impressionar os assistentes e estimular os seus desejos, para que se encarreguem *de realizar*, eles próprios, *o oráculo*.

“Obtêm-se essas correspondências por processos que não diferem muito dos nossos espíritas, mas que, no entanto, devem ser mais aperfeiçoados, se se considerar a longa experiência dos operadores que os praticam tradicionalmente.

“Eis como nos são descritos por uma testemunha ocular, o Sr. D..., que mora na China há muito tempo e que é familiar com a língua do país:

“Uma vara de pescar, de 50 a 60 centímetros, é sustentada nas extremidades por duas pessoas, das quais uma é o médium e a outra o interrogador. No meio dessa vara, tiveram o cuidado de lacrar ou amarrar uma pequena varinha da mesma madeira, bastante semelhante a um lápis, pelo tamanho e grossura. Abaixo desse pequeno aparelho é espalhada uma camada de areia, ou uma caixa contendo farinha de milho. Deslizando *maquinalmente* sobre a areia ou a farinha de milho, a varinha traça caracteres. À medida que estes se formam, são lidos e reproduzidos imediatamente no papel por um letrado presente à sessão. Daí resultam frases e escritos mais ou menos longos, mais ou menos interessantes, mas tendo sempre um valor lógico.

“A dar-se crédito aos Tao-Tseu, esses processos lhes vêm do próprio Lao-Tseu. Ora, se conforme a História, Lao-Tseu viveu no sexto século antes de Jesus-Cristo, é bom lembrar que, conforme a lenda, ele é como o *Verbo* dos cristãos, anterior *ao começo* e contemporâneo da grande *não-entidade*, como exprimem os doutores *da Razão*.

“Vê-se que o Espiritismo remonta a uma belíssima antiguidade.

“Isto não prova que ele é verdadeiro? – Não, por certo, mas se basta que uma crença seja antiga para ser venerável, e forte pelo número de seus partidários para ser respeitada, não conheço outra que tenha mais títulos ao respeito e à veneração de meus contemporâneos.”

Nem é preciso dizer que aderimos completamente a essa retificação, e nos sentimos felizes que ela emane de uma fonte estranha, porque prova que não procuramos exagerar o quadro. Nossos leitores apreciarão, como nós, a maneira pela qual esse jornal, que se recomenda por seu caráter sério, encara o Espiritismo; vê-se que, de sua parte, é uma apreciação com justas razões.

Sabíamos perfeitamente que as idéias espíritas estão muito espalhadas nos povos do extremo Oriente, e se não as tínhamos levado em consideração é que, em nossa avaliação, não nos propusemos apresentar, conforme dissemos, senão o movimento do Espiritismo moderno, reservando-nos para fazer mais tarde um estudo especial sobre a anterioridade dessas idéias. Agradecemos muito sinceramente ao autor do artigo por nos haver precedido.

Noutro lugar ele diz: “Cremos que esta incerteza (sobre o número real dos espíritas, sobretudo na França), a princípio se deve à ausência de declarações positivas da parte dos adeptos;

depois, ao estado flutuante das crenças. Existe – e poderíamos citar em Paris numerosos exemplos – uma multidão de pessoas que crêem no Espiritismo e *que não se gabam disto.*”

Isto é perfeitamente justo; por isso só falamos dos espíritas de fato; do contrário, como dissemos, se incluíssemos os espíritas por intuição, somente na França eles se contariam por milhões; mas preferimos ficar aquém e não além da verdade, para não sermos tachados de exagero. Contudo, é preciso que o acréscimo seja muito sensível, para que certos adversários o tenham levado a cifras hiperbólicas, como o autor da brochura *O orçamento do Espiritismo*, que, vendo talvez os espíritas com lente de aumento, os avaliava, em 1863, em vinte milhões na França. (*Revista Espírita* de junho de 1863.)

A respeito da proporção dos sábios oficiais, na categoria do grau de instrução, diz o autor: “Gostaríamos muito de ver a olho nu esses 4% de sábios oficiais: 40.000 para a Europa; 24.000 só para a França; são muitos sábios, e ainda oficiais; 6% de iletrados é quase nada.”

A crítica seria fundada se, como supõe o autor, se tratasse de 4% sobre o número aproximado de seiscentos mil espíritas na França, o que, efetivamente, daria vinte e quatro mil. Realmente seria muito, pois se teria dificuldade em encontrar essa cifra de sábios oficiais em toda a população da França. Em tal base, o cálculo seria evidentemente ridículo e se poderia dizer outro tanto dos iletrados. Essa avaliação, portanto, não tem por objetivo estabelecer o número efetivo dos sábios oficiais espíritas, mas a proporção relativa em que se encontram a respeito dos diversos graus de instrução, entre os quais estão em minoria. Nas outras categorias, limitamo-nos a uma simples classificação, sem avaliação numérica em termos percentuais. Quando utilizamos este último processo, foi para tornar mais sensível a proporção.

Para melhor definir o nosso pensamento, diremos que, por sábios oficiais, não entendemos todos aqueles cujo saber é constatado por um diploma, mas unicamente os que ocupam posições oficiais, como membros de Academias, professores de Faculdades, etc., que assim se acham em maior evidência e cujos nomes, por tais motivos, fazem autoridade na Ciência. Desse ponto de vista, um doutor em Medicina pode ser sábio sem ser um sábio oficial.

A posição oficial influi bastante sobre a maneira de encarar certas coisas. Como prova disto, citaremos o exemplo de um médico distinto, morto há vários anos, e que conhecemos pessoalmente. Era então grande partidário do magnetismo, sobre o qual havia escrito, e foi o que nos pôs em contato com ele. Aumentando a sua reputação, conquistou sucessivamente várias posições oficiais. À medida que subia, baixava seu fervor pelo magnetismo, caindo abaixo de zero quando chegou ao topo da escala, porque renegava abertamente suas antigas convicções. Considerações da mesma natureza podem explicar a posição de certas classes no que concerne ao Espiritismo.

A categoria dos aflitos, dos despreocupados, dos felizes do mundo, dos sensualistas, fornece ao autor do artigo a seguinte reflexão:

“É pena que isto seja pura fantasia. Nada de sensualistas, compreende-se; Espiritismo e materialismo se excluem; sessenta aflitos em cem espíritas ainda se compreende. É para os que choram que as relações com um mundo melhor são preciosas. Mas trinta pessoas despreocupadas em cem, é demais! Se o Espiritismo operasse tais milagres, faria muitas outras conquistas. Fá-las-ia sobretudo entre os *felizes do mundo*, que também são, quase sempre, os mais inquietos e os mais atormentados.”

Há aqui um erro manifesto, pois pareceria que esse resultado é devido ao Espiritismo, ao passo que é ele que colhe,

nessas categorias, mais ou menos adeptos conforme as predisposições que aí encontra. Essas cifras significam simplesmente que encontra mais adeptos entre os aflitos, um pouco menos entre as pessoas despreocupadas, menos ainda entre os felizes do mundo, e de modo algum entre os sensualistas.

Antes de mais, é preciso entender-se quanto às palavras. Materialismo e sensualismo não são sinônimos e nem sempre marcham lado a lado, já que se vêem pessoas, espiritualistas por profissão e por dever, que são muito sensuais, ao passo que há muitos materialistas bastante moderados em sua maneira de viver; para eles o materialismo não passa de uma opinião, que abraçaram em falta de outra mais racional. Eis por que, quando reconhecem que o Espiritismo enche o vazio feito em sua consciência pela incredulidade, aceitam-no com felicidade; os sensualistas, ao contrário, são os mais refratários.

Uma coisa muito bizarra é que o Espiritismo encontra mais resistência entre os panteístas em geral, do que entre os que são francamente materialistas. Provavelmente isto se deve a que o panteísta quase sempre cria um sistema; possui algo, ao passo que o materialista nada tem, e esse vazio o inquieta.

Pelos felizes do mundo entendemos os que passam como tais aos olhos da multidão, porque se podem permitir largamente todos os prazeres da vida. É verdade que muitas vezes são os mais inquietos e os mais atormentados. Mas, por quê? pelas preocupações que lhes causam a fortuna e a ambição. Ao lado dessas preocupações incessantes, das ansiedades da perda ou do ganho, da azáfama dos negócios para uns, dos prazeres para outros, resta-lhes muito pouco tempo para se ocuparem do futuro.

Não podendo ter a paz da alma senão com a condição de renunciar ao que constitui o objeto de sua cobiça, o Espiritismo pouco os afeta, filosoficamente falando. Com exceção das penas do coração, que não poupam a ninguém, a não ser os egoístas, quase

sempre os tormentos da vida estão para eles nas decepções da vaidade, no desejo de possuir, de brilhar, de mandar. Pode-se, pois, dizer que atormentam a si mesmos.

Ao contrário, a calma e a tranqüilidade se encontram mais particularmente nas posições modestas, quando assegurado o bem-estar da vida. Aí quase não há ambição; contentam-se com o que têm, sem se atormentarem em o aumentar, correndo os riscos aleatórios da agiotagem ou da especulação. São os que chamamos *despreocupados*, falando relativamente; por pouco haja neles elevação de pensamento, ocupam-se de bom grado das coisas sérias; o Espiritismo lhes oferece um atraente assunto de meditação, e o aceitam mais facilmente do que aqueles a quem o turbilhão do mundo suscita uma febre contínua.

Tais são os motivos dessa classificação que, como se vê, não é tão fantasiosa quanto supõe o autor do artigo. Nós lhe agradecemos por nos ter ensejado ocasião de apontar erros que outros poderiam ter cometido, por não termos sido bastante explícitos.

Em nossa estatística, omitimos duas funções importantes por sua natureza, e porque contam um número bastante grande de adeptos sinceros e devotados; são os *prefeitos* e os *juizes de paz*, que estão na quinta classe, com os meirinhos e os comissários de polícia.

Uma outra omissão, contra a qual ele reclamou com justiça, e que insistem que reparemos, é a dos poloneses, na categoria dos povos. Ela é tanto mais fundada quanto o Espiritismo conta, nessa nação, numerosos e fervorosos adeptos, desde a origem. Como classe, a Polônia vem em quinto lugar, entre a Rússia e a Alemanha.

Para completar a nomenclatura, seria preciso incluir outros países, como a Holanda, por exemplo, que viria após a

Inglaterra; Portugal depois da Grécia; as províncias do Danúbio, onde também há espíritas, mas sobre as quais não temos dados bastante positivos para lhes assinalar a classe. Quanto à Turquia, a quase totalidade dos adeptos se compõe de franceses, italianos e gregos.

Uma classificação mais racional e mais exata do que pelas nações territoriais, seria pelas raças ou nacionalidades, que não estão confinadas em limites circunscritos, apresentando, por toda parte onde se espalham, maior ou menor aptidão para assimilar as idéias espíritas. Deste ponto de vista, numa mesma região, muitas vezes se teria que fazer várias distinções.

A comunicação seguinte foi dada num grupo de Paris, a propósito da classe que ocupam os alfaiates entre as profissões industriais.

(Paris, 6 de janeiro de 1869 – Grupo Desliens – Médium: Sr. Leymarie)

Criastes categorias, caro mestre, no início das quais colocastes certas profissões. Sabeis o que, em nossa opinião, arrasta certas pessoas a se tornarem espíritas? São as mil perseguições que sofrem em suas profissões. Os primeiros de que falais devem ter ordem, economia, cuidado, gosto, ser um pouco artistas e, depois, ser ainda pacientes, saber esperar, escutar, sorrir e saudar com certa elegância; mas, após todas essas pequenas convenções, mais sérias do que se pensa, ainda é preciso calcular, ordenar sua caixa pelo ativo e pelo passivo e sofrer, sofrer continuamente.

Em contato com homens de todas as classes, comentando as queixas, as confidências, os enganos, os rostos falsos, aprendem muito! Levando essa vida múltipla, sua inteligência se abre por comparação; seu espírito se fortifica pela decepção e pelo sofrimento. E eis por que certas categorias compreendem e aclamam todos os progressos; amam o teatro francês, a bela arquitetura, o desenho, a filosofia; muitos amam a

liberdade e todas as suas conseqüências. Sempre à frente e à espreita do que consola e faz esperar, elas se dão ao Espiritismo, que lhes é uma força, uma promessa ardente, uma verdade que engrandece o sacrifício e, mais do que acreditais, a parte classificada como a nº 1 vive de sacrifícios.

Sonnet

O Poder do Ridículo

Lendo um jornal, encontramos esta frase proverbial: *Na França o ridículo sempre mata*. Isto nos sugeriu as seguintes reflexões:

Por que na França, e não em outra parte? É que aqui, mais que em qualquer lugar, o espírito, ao mesmo tempo fino, cáustico e jovial, apreende, antes de tudo, o lado alegre ou ridículo das coisas; busca-o por instinto, sente-o, adivinha-o, por assim dizer fareja-o; descobre-o onde outros não o percebiam e o põe em relevo com habilidade. Mas o espírito francês quer, antes de tudo, o bom-gosto, a urbanidade até no gracejo; ri de bom grado de uma pilhéria fina, delicada, espirituosa sobretudo, ao passo que as caricaturas insossas, a crítica pesada, grosseira, à queima-roupa, semelhante à pata do urso ou ao soco do bruto, lhe repugnam, porque tem uma repulsa instintiva pela trivialidade.

Talvez digam que certos sucessos modernos parecem desmentir essas qualidades. Muito haveria a dizer sobre *as causas* deste desvio, que não deixa de ser muito real, mas que é apenas parcial, e não pode prevalecer sobre o fundo do caráter nacional, como demonstraremos qualquer dia. Apenas diremos, de passagem, que esses sucessos que surpreendem as pessoas de bom-gosto, são, em grande parte, devidos à curiosidade muito vivaz, também, no caráter francês. Mas escutai a multidão à saída de

certas exhibições; o julgamento que domina, mesmo na boca do povo, resume-se nestas palavras: É repugnante! e, contudo, a gente veio, unicamente para poder dizer que viu uma excentricidade; lá não voltam, mas esperando que a multidão de curiosos tenha desfilado, o sucesso está feito, e é tudo o que pedem. Dá-se o mesmo em certos sucessos supostamente literários.

A aptidão do espírito francês em captar o lado cômico das coisas, faz do ridículo uma verdadeira potência, maior na França do que em outros países; mas é certo dizer que sempre mata?

É preciso distinguir o que se pode chamar o ridículo *intrínseco*, isto é, inerente à coisa mesma, e o ridículo *extrínseco*, vindo de fora e descarregado sobre uma coisa. Sem dúvida este último pode ser lançado sobre tudo, mas só fere o que é vulnerável; quando se ataca às coisas que não dão ensejo a isto, desliza sem prejudicá-las. A mais grosseira caricatura de uma estátua irreprochável nada tira de seu mérito e não a faz diminuir na opinião, pois cada um está em condições de apreciá-la.

O ridículo não tem força senão quando fere com precisão, quando ressalta com espírito e finura os pequenos defeitos reais: é então que mata; mas quando cai no falso, absolutamente não mata, ou antes, ele se mata. Para que o adágio acima seja completamente verdadeiro, dever-se-ia dizer: “Na França, o ridículo sempre mata *o que é ridículo*.” O que realmente é verdadeiro, bom e belo jamais é ridículo. Se se ridicularizar uma personalidade notoriamente respeitável, o cura Vianney, por exemplo, inspirar-se-á repulsa, mesmo aos incrédulos, tanto é verdade que o que é respeitável em si é sempre respeitado pela opinião pública.

Como nem todos têm o mesmo gosto, nem a mesma maneira de ver, o que é verdadeiro, bom e belo para uns, pode não

o ser para outros. Quem, pois, será o juiz? O ser coletivo que se chama todo o mundo, e contra as decisões do qual em vão protestam as opiniões isoladas. Algumas individualidades podem ser momentaneamente desviadas pela crítica ignorante, malévola ou inconsciente, mas não as massas, cujos julgamentos acabam sempre por triunfar. Se a maioria dos convivas num banquete acha um prato a seu gosto, por mais que digais que é ruim, não impedireis que o comam, ou pelo menos que o provem.

Isto explica por que o ridículo, lançado em profusão sobre o Espiritismo, não o matou. Se ele não sucumbiu, não é por não ter sido revolvido em todos os sentidos, mascarado, desnaturado, grotescamente ridicularizado por seus antagonistas. E, contudo, após dez anos de encarniçada agressão, ele está mais forte do que nunca; é que ele é como a estátua de que falamos há pouco.

Em última análise, sobre o que se exerceu particularmente o sarcasmo, a propósito do Espiritismo? Naquilo em que realmente é vulnerável à crítica: os abusos, as excentricidades, as exhibições, as explorações, o charlatanismo sob todos os aspectos, as práticas absurdas, que são apenas a sua paródia, de que o Espiritismo sério jamais tomou a defesa, mas que tem, ao contrário, sempre desautorizado. Assim, o ridículo não feriu, nem pôde morder senão o que era ridículo na maneira por que certas pessoas pouco esclarecidas concebem o Espiritismo. Se ainda não matou completamente esses abusos, desferiu-lhes um golpe mortal, e era de justiça.

O Espiritismo verdadeiro não pôde, pois, senão ganhar em se desembaraçar da chaga de seus parasitas, e foram os seus inimigos que disso se encarregaram. Quanto à Doutrina propriamente dita, é de notar que quase sempre ficou fora de debate, embora seja a parte principal, a alma da causa. Seus adversários bem compreenderam que o ridículo não podia atingi-

lo; sentiram que a fina lâmina da zombaria espirituosa resvalava sobre a couraça, daí por que o atacaram com a borduna da injúria grosseira e o soco rústico, mas com tão pouco sucesso.

Desde o início o Espiritismo pareceu a certos pobretões, uma fecunda mina a explorar por sua novidade; alguns, menos tocados pela pureza de sua moral do que pelas chances que aí entreviam, puseram-se sob a égide de seu nome, com a esperança de fazer dele um meio. São os que podem ser chamados de *espíritas de circunstância*.

Que teria acontecido a esta Doutrina se ela não tivesse usado toda a sua influência para frustrar e desacreditar as manobras da exploração? Ter-se-iam visto os charlatães pululando de todos os lados, fazendo uma aliança sacrílega daquilo que há de mais sagrado: o respeito aos mortos, com a suspeita arte das feiticeiras, adivinhos, cartomantes, videntes, suprimindo os Espíritos pela fraude, quando estes não vêm. Logo se teriam visto as manifestações levadas para os palcos, associadas aos truques de escamoteação; gabinetes de consultas espíritas anunciados publicamente e revendidos, como agências de emprego, conforme a importância da clientela, como se a faculdade mediúcnica pudesse transmitir-se à maneira de um fundo de comércio.

Por seu silêncio, que teria sido uma aprovação tácita, a Doutrina ter-se-ia tornado solidária com esses abusos; diremos mais: cúmplice. Então a crítica teria feito um belo jogo, porque, com todo o direito, poderia ter atacado a Doutrina que, por sua tolerância, houvera assumido a responsabilidade do ridículo e, por consequência, a justa reprovação lançada sobre os abusos; talvez ela tivesse levado mais de um século para erguer-se desse fracasso. Seria preciso não compreender o caráter do Espiritismo e, ainda menos, seus verdadeiros interesses, para crer que tais auxiliares possam ser úteis à sua propagação e estejam aptos para o considerarem como uma coisa santa e respeitável.

Estigmatizando a exploração, como temos feito, temos certeza de haver preservado a Doutrina de um verdadeiro perigo, perigo maior que a má vontade de seus antagonistas confessos, porque caminhava para o seu descrédito; por isto mesmo, ela lhes teria apresentado um lado vulnerável, ao passo que eles se detiveram ante a pureza de seus princípios. Não ignoramos que contra nós suscitamos a animosidade dos exploradores e que nos afastamos de seus partidários. Mas, que importa? Nosso dever é resguardar os interesses da Doutrina, e não os deles, e esse dever nós cumprimos com perseverança e firmeza até o fim.

Não era pouca coisa lutar contra a invasão do charlatanismo, num século como este, sobretudo um charlatanismo estimulado, muitas vezes suscitado pelos mais implacáveis inimigos do Espiritismo, porquanto, depois de ter fracassado pelos argumentos, bem compreendiam que o que lhes poderia ser mais fatal era o ridículo. Por isso, o mais seguro meio seria fazê-lo explorar pelo charlatanismo, a fim de o desacreditar na opinião.

Todos os espíritas sinceros compreenderam o perigo que assinalamos e nos secundaram em nossos esforços reagindo por seu lado contra as tendências que ameaçavam desenvolver-se. Não serão alguns casos de manifestações, supondo-os reais, dados como espetáculo, como chamariz à minoria, que darão verdadeiros prosélitos ao Espiritismo, porque, em tais condições, eles autorizam a suspeita. Os próprios incrédulos são os primeiros a dizer que, se os Espíritos realmente se comunicam, não será para servirem de comparsas ou de cúmplices a tanto por sessão; por isso riem deles; acham ridículo que a essas cenas se misturem nomes respeitáveis, e estão cem vezes com a razão. Para uma pessoa que seja levada ao Espiritismo por essa via, sempre supondo um fato real, haverá cem que se afastarão, sem dele quererem ouvir falar mais. Outra será a impressão nos meios onde nada de equívoco pode fazer suspeitar da sinceridade, da boa-fé e do desinteresse, onde a notória

honorabilidade das pessoas impõe respeito. Se daí não se sai convencido, pelo menos não se leva a idéia de uma charlatanice.

Assim, o Espiritismo nada tem a ganhar, e só poderia perder, apoiando-se na exploração, enquanto os exploradores é que se beneficiariam de seu crédito. Seu futuro não está na crença de um indivíduo a tal ou qual fato de manifestação; está inteiramente no ascendente que conquistar por sua moralidade. É por aí que triunfou e triunfará ainda das manobras de seus adversários. Sua força está no seu caráter moral, e é o que não lhe poderão tirar.

O Espiritismo entra numa fase solene, mas na qual ainda terá grandes lutas a sustentar; é preciso, pois, que seja forte por si mesmo e, para ser forte, deve ser respeitado. Cabe aos seus adeptos dedicados fazê-lo respeitar, inicialmente pregando-o pela palavra e pelo exemplo; depois, desaprovando, em nome da Doutrina, tudo quanto pudesse prejudicar a consideração de que deve ser rodeado. É assim que poderá afrontar as intrigas, a zombaria e o ridículo.

Um Caso de Loucura Causada pelo Medo do Diabo

Numa cidadezinha da antiga Borgonha, que nos abstermos de citar, mas que poderíamos fazê-lo, caso necessário, existe um pobre velho que a fé espírita sustenta em sua miséria, vivendo penosamente da venda ambulante de quinquilharias pelas localidades vizinhas. É um homem bom, compassivo, prestando serviços sempre que se oferece ocasião, e certamente acima de sua posição pela elevação de seus pensamentos. O Espiritismo lhe deu a fé em Deus e na imortalidade, a coragem e a resignação.

Um dia, num de seus giros, encontrou uma jovem viúva, mãe de várias crianças que, após a morte do marido, a quem

adorava, perdida de desespero e vendo-se sem recursos, perdeu a razão completamente. Atraído pela simpatia para essa grande dor, procurou ver essa infeliz mulher, a fim de julgar se o seu estado era irremediável. A miséria em que a encontrou redobrou sua compaixão; mas, como também fosse pobre, só lhe podia dar consolo.

“Eu a vi várias vezes”, disse ele a um de nossos colegas da Sociedade de Paris, que o conhecia e tinha ido vê-lo; “um dia eu lhe disse, em tom de persuasão, que aquele que ela lamentava não estava perdido para sempre; que estava perto dela, embora não o visse, e que eu podia, se ela quisesse, fazê-la conversar com ele. A estas palavras, seu rosto pareceu alegrar-se; um raio de esperança brilhou em seus olhos apagados.” – “Não me enganareis?” perguntou ela; “Ah! se isto pudesse ser verdade!”

“Sendo bom médium escrevente, obtive na sessão uma curta comunicação de seu marido, que lhe causou doce satisfação. Vim vê-la várias vezes, e de cada vez seu marido conversava com ela por meu intermédio; ela o interrogava e ele respondia de maneira a não lhe deixar qualquer dúvida sobre a sua presença, porque lhe falava de coisas que eu mesmo ignorava; encorajava-a, exortava-a à resignação e lhe garantia que um dia iriam encontrar-se.

“Pouco a pouco, sob o império dessa doce emoção e desses pensamentos consoladores, a calma voltou à sua alma, a razão lhe voltava a olhos vistos e, ao cabo de alguns meses, estava completamente curada e pôde entregar-se ao trabalho, que devia alimentá-la e aos filhos.

“Essa cura fez grande sensação entre os camponeses do vilarejo. Assim, tudo ia bem; agradei a Deus por me haver permitido arrancar essa infeliz da opressão do desespero; também agradei aos Espíritos bons por sua assistência, pois todo o mundo

sabia que essa cura tinha sido produzida pelo Espiritismo, com o que eu me regozijava. Mas eu tinha o cuidado de lhes dizer que nisso nada havia de sobrenatural, explicando-lhes o melhor que podia os princípios da sublime Doutrina, que dá tanta consolação e já fez tão grande número de pessoas felizes.

“Esta cura inesperada inquietou vivamente o padre do lugar; ele visitou a viúva, que tinha abandonado completamente, desde a sua moléstia. Dela ficou sabendo como e por quem ela e os filhos foram curados; que agora tinha a certeza de não estar separada do marido; que a alegria que sentia, a confiança que isto lhe dava na bondade de Deus, a fé de que estava animada tinham sido a principal causa de seu restabelecimento.

“Ai! todo o bem no qual eu pusera tanta perseverança em produzir ia ser destruído; o cura fez vir a infeliz viúva à paróquia; começou por lançar a dúvida em sua alma; depois fez que ela acreditasse que era um demônio, que eu não operava senão em seu nome, que ela agora estava em seu poder; e agiu tão bem que a pobre mulher, que ainda carecia dos maiores cuidados, fragilizada por tantas emoções, recaiu num estado pior do que da primeira vez. Hoje por toda parte só vê diabos, demônios e o inferno. Sua loucura é completa e devem conduzi-la a um hospício de alienados.”

O que havia causado a primeira loucura daquela mulher? O desespero. O que lhe havia restituído a razão? As consolações do Espiritismo. O que a fez recair numa loucura incurável? O fanatismo, o medo do diabo e do inferno. Este fato dispensa qualquer comentário. Como se vê, o clero fez mal em pretender, como tem feito em muitos escritos e sermões, que o Espiritismo leva à loucura, quando, com justiça, se lhe pode devolver o argumento. Aliás, aí estão as estatísticas oficiais para provar que a exaltação das idéias religiosas entra em parte notável

nos casos de loucura. Antes de lançar a pedra em alguém, seria prudente ver se ela não poderá cair sobre si mesmo.

Que impressão esse fato deve produzir na população daquele vilarejo? Certamente não será em favor da causa sustentada pelo Sr. cura, porque o resultado material está sob os olhos. Se ele pensa em recrutar partidários pela crença no diabo, engana-se redondamente, e é triste ver a Igreja fazer dessa crença uma pedra angular da fé. (Vide *A Gênese segundo o Espiritismo*, capítulo XVII, 27.)

Um Espírito que Julga Sonhar

Várias vezes têm sido vistos Espíritos que ainda se julgam vivos, porque seu corpo fluídico lhes parece tangível como seu corpo material. Eis um deles, numa posição pouco comum: não se julgando morto, tem consciência de sua intangibilidade; mas, como em vida era profundamente materialista, em crença e em gênero de vida, imagina que sonha, e tudo quanto lhe foi dito não pôde arrancá-lo do erro, tão persuadido está de que tudo acaba com o corpo. Era um homem de muito espírito, escritor distinto, que designaremos pelo nome de *Luis*. Fazia parte do grupo de notabilidades que, em dezembro último, partiu para o mundo dos Espíritos. Há alguns anos veio à nossa casa, onde testemunhou diversos casos de mediunidade; aí viu principalmente um sonâmbulo, que lhe deu evidentes provas de lucidez, em coisas que lhe eram inteiramente pessoais, mas nem por isto se convenceu da existência de um princípio espiritual.

Numa sessão do grupo do Sr. Desliens, em 22 de dezembro, ele veio espontaneamente comunicar-se por um dos médiuns, o Sr. Leymarie, sem que ninguém tivesse pensado nele. Tinha morrido há oito dias. Eis o que fez escrever:

“Que sonho singular!... sinto-me arrastado por um turbilhão, cuja direção não compreendo... Alguns amigos, que julgava mortos, convidaram-me para um passeio, e eis-nos arrastados. Para onde vamos? Olha!... estranha brincadeira! Para um grupo espírita!... Ah! que farsa engraçada, ver essa boa gente conscienciosamente reunida!... Conheço uma dessas figuras... Onde a vi? Não sei... (Era o Sr. Desliens, que se achava na sessão acima mencionada.) Talvez em casa desse bravo Allan Kardec, que uma vez quis provar-me que eu tinha uma alma, fazendo-me apalpar a imortalidade. Mas, em vão apelaram aos Espíritos, às almas: tudo falhou; como nesses jantares mal preparados, nenhum prato servido prestava. Entretanto, eu não desconfiava da boa-fé do sumo-sacerdote; julgo-o um homem honesto, mas um orgulhoso papalvo da assim chamada erraticidade.

“Eu vos ouvi, senhores e senhoras, e vos apresento meus respeitosos cumprimentos. Escreveis, ao que me parece, e vossas mãos ágeis sem dúvida vão transcrever o pensamento dos invisíveis!... espetáculo inocente!... sonho insensato este meu! Eis um que escreve o que digo a mim mesmo... Mas absolutamente não sois divertidos, nem também meus amigos, que têm semblantes compassivos como os vossos. (Os Espíritos dos que haviam morrido antes dele, e que ele julga ver em sonho.)

“Ah! certamente é uma estranha mania deste valente povo francês! Tiraram-lhe de uma vez a instrução, a fé, o direito, a liberdade de pensar e escrever, e esse bravo povo se atira em devaneios, em sonhos. Dorme acordado este país das Gálias e é maravilhoso vê-lo agir!

“Entretanto, ei-los em busca de um problema insolúvel, condenado pela Ciência, pelos pensadores, pelos trabalhadores!... falta-lhes instrução... A ignorância é a lei de Loiola largamente aplicada... têm diante de si todas as liberdades; podem atingir todos os abusos, destruí-los, enfim tornar-se seu senhor, senhor viril, econômico, sério, legal, etc., e, como crianças pequenas, falta-lhes a

religião, um papa, um cura, a primeira comunhão, o batismo, um guia para tudo e para sempre. Faltam chocalhos a essas crianças grandes, e os grupos espíritas ou espiritualistas lhas dão.

“Ah! se realmente houvesse um grão de verdade em vossas elucubrações! mas haveria, para o materialista, matéria para o suicídio!... Olhai! eu vivi largamente; desprezei a carne, revoltei-a; ri dos deveres de família, de amizade. Apaixonado, usei e abusei de todas as volúpias, e isto com a convicção de que obedecia às atrações da matéria, única lei verdadeira em vossa Terra, e isto eu repetirei ao meu despertar, com a mesma fúria, o mesmo ardor, a mesma habilidade. Tomarei a um amigo, a um vizinho, sua mulher, sua filha ou sua pupila, pouco importa, desde que, estando mergulhado nas delícias da matéria, eu renda homenagem a essa divindade, senhora de todas as ações humanas.

“Mas, e se me tivesse enganado?... se tivesse deixado passar a verdade?... se, realmente, houvesse outras vidas anteriores e existências sucessivas após a morte?... se o Espírito fosse uma personalidade viva, eterna, progressiva, rindo da morte, retemperando-se no que chamamos provação?... então haveria um Deus de justiça e de bondade?... eu seria um miserável... e a escola materialista, culpada do crime de lesa-nação, teria tentado decapitar a verdade, a razão!... eu seria, ou antes, nós seríamos profundos celerados, refinados pretensamente liberais!... Oh! então se estivésseis com a verdade, eu daria um tiro nos miolos ao despertar, tão certo quanto me chamo...”

Na sessão da Sociedade de Paris, de 8 de janeiro, o mesmo Espírito vem manifestar-se novamente, não pela escrita, mas pela palavra, servindo-se do corpo do Sr. Morin, em sonambulismo espontâneo. Falou durante uma hora, e foi uma das cenas mais curiosas, porque o médium assumiu a sua pose, os gestos, a voz, a linguagem, a ponto de ser facilmente reconhecido pelos que o tinham visto. A conversa foi recolhida com cuidado e

fielmente reproduzida, mas sua extensão não nos permite publicá-la. Aliás, não foi senão o desenvolvimento de sua tese; a todas as objeções e perguntas que lhe foram feitas, pretendeu tudo explicar pelo estado de sonho e, naturalmente, perdeu-se num labirinto de sofismas. Ele próprio lembrou os principais episódios da sessão a que aludira na sua comunicação escrita, e disse:

“Eu bem tinha razão de dizer que tudo havia falhado. Olhai, eis a prova. Eu tinha feito esta pergunta: Há um Deus? Pois bem! todos os vossos pretensos Espíritos responderam afirmativamente. Vedes que estavam ao lado da verdade e não a conhecem mais do que vós.” Uma pergunta, entretanto, o embarçou muito, por isso procurou constantes subterfúgios para dela se esquivar. Foi esta: “O corpo pelo qual nos falais não é o vosso, porque é magro e o vosso era gordo. Onde está o vosso verdadeiro corpo? Não está aqui, pois não estais em vossa casa. Quando se sonha, está-se em seu leito. Ide, pois, ver em vosso leito se o vosso corpo lá está e dissei-nos como podeis estar aqui sem o vosso corpo?”

Perdendo a paciência por estas reiteradas perguntas, às quais apenas respondia pelas palavras: “Efeitos bizarros dos sonhos”, acabou dizendo: “Bem vejo que querieis despertar-me. Deixai-me.” Desde então crê sonhar sempre.

Numa outra reunião, um Espírito deu sobre este fenômeno a seguinte comunicação:

Eis aqui uma substituição de pessoa, um disfarce. O Espírito recebe a liberdade ou cai na inação. Digo inação, isto é, a contemplação do que se passa. Está na posição de um homem, que momentaneamente empresta a sua residência e assiste às diversas cenas que aí são representadas com o auxílio de seus móveis. Se preferir gozar da liberdade, ele o pode, a menos que não tenha interesse em ficar como espectador.

Não é raro que um Espírito atue e fale com o corpo de um outro; deveis compreender a possibilidade desse fenômeno, quando sabeis que o Espírito pode retirar-se com o seu perispírito para mais ou menos longe de seu envoltório corporal. Quando o fato acontece sem que nenhum Espírito o aproveite para tomar o lugar, há catalepsia. Quando um Espírito deseja aí entrar para agir e tomar por um instante sua parte na encarnação, une o seu perispírito ao corpo adormecido, desperta-o por esse contato e dá o movimento à máquina. Mas os movimentos, a voz, não são os mesmos, porque os fluidos perispirituais não mais afetam o sistema nervoso da mesma maneira que o verdadeiro ocupante.

Essa ocupação jamais pode ser definitiva; para isto, seria preciso a desagregação absoluta do primeiro perispírito, o que levaria forçosamente à morte. Ela nem mesmo pode ser de longa duração, uma vez que o novo perispírito, não tendo sido unido a esse corpo desde a formação deste, nele não tem raízes; não tendo sido modelado por esse corpo, não é adequado ao funcionamento dos órgãos; o Espírito intruso aí não está numa posição normal; é incomodado em seus movimentos, razão por que deixa essa vestimenta de empréstimo, desde que dela não mais necessite.

Quanto à posição particular do Espírito em questão, não veio voluntariamente ao corpo de que se serviu para falar; a ele foi atraído pelo próprio Espírito Morin, que quis tirar prazer de seu embaraço; o outro, porque cedeu ao secreto desejo de se mostrar, ainda e sempre, como céptico e zombador, aproveitou a ocasião que lhe era oferecida. O papel um tanto ridículo que representou, por assim dizer malgrado seu, servindo-se de sofismas para explicar sua posição, é uma espécie de humilhação, cujo amargor sentirá ao despertar, e que lhe será proveitoso.

Observação – O despertar desse Espírito não poderá deixar de provocar observações instrutivas. Como se viu, em vida era um tipo de materialista sensualista; jamais teria aceitado o

Espiritismo. Os homens dessa categoria buscam as consolações da vida nos prazeres materiais; não são da escola de Büchner pelo estudo; mas porque esta doutrina liberta do constrangimento imposto pela espiritualidade, ela deve, em sua opinião, estar certa. Para eles, o Espiritismo não é um benefício, mas um constrangimento; não há provas que possam triunfar de sua obstinação; repelem-nas, menos por convicção do que por medo de que sejam verdadeiras.

Um Espírito que se Julga Proprietário

Em casa de um dos membros da Sociedade de Paris, que faz reuniões espíritas, desde algum tempo vinham bater à porta, mas, quando iam abrir, não encontravam ninguém. Os toques de campainha eram dados com força e como que por alguém que estivesse resolvido a entrar. Tendo sido tomadas todas as precauções para assegurar-se de que o fato não se devia nem a uma causa accidental, nem à malevolência, concluiu-se que deveria ser uma manifestação. Num dia de sessão o dono da casa pediu ao visitante invisível que se desse a conhecer e dissesse o que desejava. Eis as duas comunicações que deu:

I

(Paris, 22 de dezembro de 1868)

Agradeço-vos, senhor, o amável convite para tomar a palavra, e já que me encorajais, vencerei minha timidez para vos externar francamente o meu desejo.

Inicialmente, devo dizer que nem sempre fui rico. Nasci pobre e, se venci, devo-o apenas a mim. Não vos direi, como tantos outros, que cheguei a Paris de tamancos; é uma velha lengalenga que não pega mais; mas eu tinha o ardor e o espírito do especulador por excelência. Quando menino, se eu emprestava três bolas de

bilhar, tinham que me devolver quatro. Negociava com tudo o que tinha e ficava feliz ao ver pouco a pouco o meu tesouro crescer. É verdade que circunstâncias infelizes me despojaram várias vezes; eu era fraco; outros, mais fortes, apoderavam-se de meus ganhos e eu tinha que recomeçar tudo. Mas eu era perseverante.

Pouco a pouco deixei a infância; minhas idéias cresceram. Menino, tinha explorado meus camaradas; moço, explorava os companheiros de oficina. Fazia corridas; era amigo de todo o mundo, mas fazia pagar meu trabalho e minha amizade. “Ele é bem complacente, mas não se lhe deve falar em dar.” He! he! é assim que se chega. Ide, pois, ver esses belos filhos de hoje, que gastam tudo o que possuem no jogo e no café! arruinam-se e se endividam, de alto a baixo da escala. Eu deixava que os outros corressem como loucos, às cambalhotas; eu andava lentamente, com prudência; por isso cheguei ao porto e adquiri uma fortuna considerável.

Eu era feliz; tinha mulher e filhos; ela, um tanto coquete, os outros, gastadores. Pensava que com a idade tudo isto desaparecesse; mas não. Entretanto, eu os mantive por muito tempo em rédea curta. Mas um dia adoeci. Chamaram o médico que, sem dúvida, fez muito mal à minha bolsa; depois... perdi os sentidos...

Quando recobrei a razão, tudo ia às mil maravilhas! Minha mulher recebia visitas; meus filhos tinham carruagens, cavalos, domésticos, mordomos, que sei eu! todo um exército voraz que se atirou sobre o meu pobre patrimônio, tão penosamente adquirido, para o esbanjar.

Entretanto, logo percebi que a desordem estava organizada; não gastavam senão as rendas, mas gastavam largamente. Eram bastante ricos; não precisavam mais capitalizar, como o bom velho; era preciso gozar, e não entesourar... E eu ficava boquiaberto, sem saber o que dizer, porque, se erguia a voz,

não era ouvido; fingiam não me ver. Sou uma nulidade; os criados ainda não me enxotaram, embora o meu costume não esteja em harmonia com o luxo dos apartamentos; mas não me prestam atenção. Sento-me, levanto-me, esbarro nos visitantes, detenho os criados; parece que nada sentem. Contudo, tenho vigor, espero que o possais testemunhar, vós que me ouvistes tocar. Creio que é de propósito; sem dúvida querem que eu enlouqueça, para se livrarem de mim.

Tal era minha situação, quando vim visitar uma de minhas casas. Velho hábito que ainda conservo, embora não seja mais o dono; mas vi construir tudo. Foram os meus escudos que pagaram tudo; e eu gosto dessas casas, cuja renda enriquece meus filhos ingratos.

Assim, cá eu estava em visita, quando soube que espíritas aqui se reuniam. Isto me interessou. Inquiri-me sobre o Espiritismo e soube que os espíritas pretendiam explicar todas as coisas. Como minha situação me parece pouco clara, não me desgostaria se recebesse, a respeito, o conselho dos Espíritos. Nem sou um incrédulo, nem um curioso; tenho vontade de ver e crer, ser esclarecido e, se me reconduzirdes à posição de governar tudo em minha casa, palavra de proprietário, não subirei o vosso aluguel enquanto viver.

II

(Paris, 29 de dezembro de 1868)

Dizeis que estou morto? Mas pensais bem no que dizeis?... Pretendeis que meus filhos não me vêem, nem me escutam; mas vós me vedes e me escutais, já que entraís em conversação comigo? já que abris a porta quando toco? já que interrogais e eu respondo?... Escutai, vejo o que há: sois menos fortes do que eu pensava, e como os vossos Espíritos nada podem dizer, quereis confundir-me, fazendo-me duvidar de minha razão...

Tomais-me por uma criança? Se eu tivesse morrido, seria um Espírito como eles e os veria; mas não vejo nenhum e ainda não me pusestes em contato com eles.

Há, contudo, uma coisa que me intriga. Dizei-me, pois, por que escreveis tudo o que digo? Por acaso quereis trair-me? Dizem que os espíritas são loucos; pensais, talvez, em dizer aos meus filhos que me ocupo de Espiritismo, dando-lhes, assim, meios de me interditar?

Mas ele escreve, escreve!... Mal acabei de pensar e minhas idéias já estão no papel... Tudo isto não está claro!... O que é certo é que vejo, falo, respiro, ando, subo escadas e, graças a Deus, percebo claramente que é no quinto andar que habitais... Não é caridoso brincar assim com as penas dos outros. Sofro; não posso mais e pretendem fazer-me crer que não tenho mais corpo?... Creio que sinto bem a minha asma!... Quanto aos que me disseram que não era senão o Espiritismo, pois bem! são pessoas como vós, minhas conhecidas, que eu tinha perdido de vista e que encontrei desde a minha doença!

Oh! mas... é singular!... Oh! por exemplo, não existo mais; absolutamente!... Mas, parece-me... Oh! minha memória que se vai... sim... não... mas sim... palavra que estou louco... Falei a pessoas que julgava mortas e enterradas há oito ou dez anos... Por Deus! Eu assisti aos enterros; fiz negócios com os herdeiros!... É realmente estranho!... E elas falam! Andam... conversam!... sentem o seu reumatismo!... falam da chuva e do bom tempo... tomam do meu tabaco e me apertam a mão!

Mas, então, eu!... Não, não, não é possível! Eu não estou morto! Não se morre assim, sem se dar conta... Ainda estive no cemitério, justamente no fim de minha doença... era um parente... meu filho estava de luto... minha mulher lá não estava, mas chorava... Eu o acompanhei, pobre querido... Mas, quem era,

então?... Na verdade não sei... Que perturbação estranha me agita!... Seria eu?... Mas não; pois se eu acompanhava o corpo, não podia estar no caixão... Estar lá, e lá no fundo!... e, contudo!... como tudo isto é estranho!... que labirinto confuso!... Não me digais nada; quero procurar só; vós me perturbais... Deixai-me; eu voltarei... Decididamente, parece que sou um fantasma!... Oh! que coisa singular!

Observação – Esse Espírito está na mesma situação que o precedente, no sentido de que um e outro ainda se julgam neste mundo; mas há entre eles esta diferença: um se julga de posse de seu corpo carnal, ao passo que o outro tem consciência de seu estado espiritual, mas imagina que sonha. Este último está, sem sombra de dúvida, mais próximo da verdade e, contudo, será o último a reconhecer o seu erro. É verdade que o ex-proprietário estava muito apegado aos bens materiais, mas a sua avareza e os hábitos de economia um pouco sórdida provam que não levava uma vida sensual. Além disso, não é incrédulo por natureza; não repele a espiritualidade. Luís, ao contrário, a teme; o que ele lamenta não é a ausência da fortuna que gastava em vida, mas os prazeres que tal esbanjamento lhe proporcionava. Não podendo admitir que sobrevive ao seu corpo, crê sonhar; compraz-se nessa idéia, na esperança de voltar à vida mundana; nela se agarra por todos os sofismas que sua imaginação pode lhe sugerir. Permanecerá, pois, nesse estado, já que o *quer*, até que a evidência venha abrir-lhe os olhos. Qual deles sofrerá mais ao despertar? A resposta é fácil: um só se surpreenderá levemente, enquanto o outro ficará apavorado.

Visão de Pergolesi

Contaram muitas vezes, e todos conhecem o estranho relato da morte de Mozart, cujo *Réquiem* tão célebre foi a última e incontestável obra-prima. A dar crédito a uma tradição napolitana

antiga e respeitável, muito tempo antes de Mozart, fatos não menos misteriosos e não menos interessantes teriam precedido, se não levado à morte prematura de um grande mestre: Pergolesi.

Ouvi essa tradição da própria boca de um velho camponês de Nápoles, essa terra das artes e das recordações; ele a recebera de seus avós, e em seu culto ao ilustre mestre, do qual falava, tinha o cuidado de nada alterar em seu relato.

Eu o imitarei e vos direi fielmente o que ele me contou.

Disse-me ele: “Conheceis a cidadezinha de *Casoria*, a poucos quilômetros de Nápoles. Foi lá que em 1704 Pergolesi veio à luz.

“Desde a mais tenra idade revelou-se o artista do futuro. Como sua mãe, como fazem todas as nossas, cantarolava junto dele as lendas rimadas de nossa terra, para adormecer *il bambino*, ou, segundo a ingênua expressão de nossas amas-de-leite napolitanas, a fim de chamar para junto do berço os anjinhos do sono (*angelini del sonno*), diz-se que o menino, ao invés de fechar os olhos, os arregalava, fixos e brilhantes; suas mãozinhas se agitavam e pareciam aplaudir; aos gritos alegres que escapavam de seu peito ofegante, dir-se-ia que essa alma, apenas desabrochada, já estremecia aos primeiros ecos de uma arte que um dia deveria cativá-la por inteiro.

“Aos oito anos, Nápoles o admirava como um prodígio, e durante mais de vinte anos a Europa inteira aplaudiu o seu talento e suas obras. Ele fez a arte musical dar um passo imenso; lançou, por assim dizer, o gérmen de uma era nova, que logo deveria produzir os mestres que se chamam Mozart, Méhul, Beethoven, Haydn e outros; numa palavra, a glória cobria a sua frente com a mais brilhante auréola.

“E, contudo, dir-se-ia que sobre essa fronte errava uma nuvem de melancolia, fazendo-a curvar-se para a terra. De vez em quando o olhar profundo do artista se elevava para o céu, como se aí buscasse alguma coisa, um pensamento, uma inspiração.

“Quando o interrogavam, respondia que uma vaga aspiração enchia sua alma, que no fundo de si mesmo ouvia como que os ecos incertos de um canto do céu, que o arrebatava e o elevava, mas não podia captá-lo e que, semelhante a um pássaro cujas asas, por demais fracas, não podem, à sua vontade, elevá-lo no espaço, caía na terra, sem ter podido seguir essa suave inspiração.

“Nesse combate, pouco a pouco a alma se esgotava; na mais bela idade da vida, pois então tinha apenas trinta e dois anos, Pergolesi parecia já ter sido tocado pelo dedo da morte. Seu gênio fecundo parecia ter-se tornado estéril, sua saúde definhava dia a dia; em vão seus amigos lhe procuravam a causa e ele próprio era incapaz de a descobrir.

“Foi nesse estado penoso e estranho que ele passou o inverno de 1735 a 1736.

“Sabeis com que piedade aqui celebramos, ainda em nossos dias, a despeito da debilidade da fé, o tocante aniversário da morte do Cristo; a semana em que a Igreja o relembra a seus filhos é bem realmente, para nós, uma *semana santa*. Assim, reportando-vos à época de fé em que vivia Pergolesi, podeis pensar com que fervor o povo acorria em massa às igrejas, para meditar as cenas enternecedoras do drama sangrento do Calvário.

“Na sexta-feira santa Pergolesi acompanhou a multidão. Aproximando-se do templo, parecia-lhe que uma calma, há muito desconhecida para ele, se fazia em sua alma e, quando transpôs o portal, sentiu-se como que envolto por uma nuvem ao mesmo tempo espessa e luminosa. Logo nada mais viu; profundo silêncio se fez em seu redor; depois, ante os seus olhos admirados,

e em meio à nuvem, na qual até então lhe parecia ter sido levado, viu desenharem-se os traços puros e divinos de uma virgem, inteiramente vestida de branco; ele a viu pousar seus dedos etéreos nas teclas de um órgão, e ouviu como um concerto longínquo de vozes melodiosas, que insensivelmente dele se aproximava. O canto que essas vozes repetiam o enchia de encantamento, mas não lhe era desconhecida; parecia-lhe que esse canto era aquele do qual não tinha podido perceber senão vagos ecos; essas vozes eram bem aquelas que, desde longos meses, lançavam perturbação em sua alma e agora lhe traziam uma felicidade sem limite. Sim, esse canto, essas vozes eram bem o sonho que ele tinha perseguido, o pensamento, a inspiração que inutilmente havia procurado por tanto tempo.

“Mas, enquanto sua alma, arrebatada no êxtase, bebia a longos sorvos as harmonias simples e celestes desse concerto angélico, sua mão, como que movida por força misteriosa, agitava-se no espaço e parecia traçar, mau grado seu, notas que traduziam os sons que o ouvido escutava.

“Pouco a pouco as vozes se afastaram, a visão desapareceu, a nuvem se desvaneceu e Pergolesi viu, ao abrir os olhos, escrito por sua mão, no mármore do templo, esse canto de sublime simplicidade, que o devia immortalizar, o *Stabat Mater*, que desde esse dia todo o mundo cristão repete e admira.

“O artista ergueu-se, saiu do templo, calmo, feliz e não mais inquieto e agitado. Mas nesse dia uma nova aspiração se apoderou dessa alma de artista; ela ouvira o canto dos anjos, o concerto dos céus. As vozes humanas e os concertos terrestres já não lhe podiam bastar. Essa sede ardente, impulso de um grande gênio, acabou por esgotar o sopro de vida que lhe restava, e foi assim que aos trinta e três anos, na exaltação, na febre, ou melhor, no *amor sobrenatural* de sua arte, Pergolesi encontrou a morte.”

Tal é a narração de meu napolitano. Como eu disse, não passa de uma tradição. Não defendo a sua autenticidade e a História talvez não a confirme em todos os pontos, mas é muito tocante para que não nos deleitemos com o seu relato.

Ernest Le Nordex

Petit Moniteur de 12 de dezembro de 1868

Bibliografia

HISTÓRIA DOS CALVINISTAS DAS CEVENAS

Por Eug. Bonnemère⁵

A guerra empreendida por Luís XIV contra os calvinistas, ou Tremedores das Cevenas, é, sem sombra de dúvida, um dos mais tristes e mais emocionantes episódios da história da França. Talvez ela seja menos notável do ponto de vista puramente militar, ao repetir as atrocidades muito comuns nas guerras de religião, do que pelos inumeráveis casos de sonambulismo espontâneo, êxtase, dupla vista, previsões e outros fenômenos do mesmo gênero, que se produziram durante todo o curso dessa cruzada infeliz. Esses fatos, que então eram considerados sobrenaturais, sustentavam a coragem dos calvinistas, acossados nas montanhas, como feras, ao mesmo tempo que os faziam considerar como possessos do diabo, por uns, e como iluminados, por outros. Tendo sido uma das causas que provocaram e alimentaram a perseguição, representam um papel principal e não acessório. Mas, como os historiadores poderiam apreciá-los, quando então lhes faltavam todos os elementos necessários para se esclarecerem quanto à natureza de sua realidade? Não puderam senão desnaturá-los e apresentá-los sob uma luz falsa.

5 1 vol. in-12, 3 fr. 50; pelo correio: 4 fr. Paris, Décembre-Alonnier, lib.